

SOBRE SONHOS E EMPODERAMENTO DE JOVENS: POSSIBILIDADES PARA AS AULAS DE MATEMÁTICA

Daniela Alves Soares¹

GD11 – Filosofia da Educação Matemática

Resumo: Este texto vem apresentar recorte de uma investigação de doutorado em andamento, que tem por objetivo pesquisar os sonhos de estudantes latino-americanos em desvantagem social, expressos por meio de seus foregrounds, em aulas de matemática, e estabelecer possibilidades de desenvolvimento desses sonhos. Como campo teórico principal estão o legado freiriano e a Educação Matemática Crítica, especialmente em relação aos conceitos de sonho, foreground e empoderamento. Também é baseado na filosofia de Lévinas, no que se refere aos conceitos de transcendência e infinito. O objetivo dessa investigação se materializou na seguinte questão de pesquisa: quais são os sonhos dos estudantes em desvantagem social e como as aulas de matemática podem contribuir para o seu desenvolvimento? Neste texto apresento, de forma inicial, alguns aspectos do estudo teórico sobre os principais conceitos abordados nesse trabalho. No campo metodológico, apresento algumas concepções que inspiram essa investigação, as estratégias escolhidas, assim como dois diálogos já transcritos durante a produção de dados, realizada em uma escola pública em São Paulo e outra em Bogotá, na Colômbia, assim como algumas reflexões que esses dados preliminares suscitam.

Palavras-chave: Sonhos. Transcendência. Foreground. Inacabamento.

INTRODUÇÃO

Biotto Filho (2015), ao realizar a sua pesquisa de doutorado em uma comunidade que envolvia jovens em desvantagem social, identificou que a maioria dos meninos entrevistados tinha o sonho de ser jogador de futebol. Ele pensou que a razão pela qual eles expressavam esse desejo era o fato de eles gostarem de jogar futebol; mas investigando mais a fundo, percebeu que, na verdade, os meninos viam nesse esporte a possibilidade de ascensão social. Dessa forma, o autor concluiu que é impossível desassociar sonhos e perspectivas sociais.

Apoiando-nos em Freire (1983, 1992) e Skovsmose (1994, 2014a, 2014b, 2016), também acredito que os sonhos dos estudantes sofrem forte influência do contexto socioeconômico, especialmente os de jovens em situação de desvantagem social. Os sonhos desses estudantes fazem parte do que Skovsmose chama de foreground (2014a, 2016, 2017), que tem influências do background, mas não é determinado por ele, gerando perspectivas de futuro que só são possíveis quando entendemos o ser humano como um ser inacabado,

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP; Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática; Doutorado em Educação Matemática, e-mail: bemdani@gmail.com; orientador: Ole Skovsmose.

inconcluso (FREIRE, 1983, 1992). Nessa perspectiva, me deparo com o conceito de transcendência, de Lévinas (1988), que entende que a busca do ser humano por seus sonhos está relacionado a um processo de sair de si mesmo e ir em direção ao que está fora dele, ao outro. Essa busca não tem limites porque o homem tem dentro de si a ideia de infinito (LÉVINAS, 1988).

Nesse processo de busca, tanto a compreensão sobre as experiências vividas, o background, pode ser ressignificado, como novos objetivos e sonhos podem emergir. Esse processo se aproxima do que Skovsmose chama de reelaboração de foregrounds (2014a, 2016, 2017). Freire, por outro lado, identifica nesse âmbito um movimento de conscientização do ser, que vai ao encontro do que se denomina por empoderamento (FREIRE & SHOR, 1986).

Diante do contexto apresentado, expresso minhas inquietações a respeito dos sonhos dos jovens estudantes em situação de desvantagem social, e tal como Freire (1992), em uma perspectiva latino-americana. Essa inquietação deu origem a seguinte questão de pesquisa: quais são os possíveis sonhos de estudantes em desvantagem social e como as aulas de matemática podem contribuir para o seu desenvolvimento? Essa questão se delinea no objetivo geral: investigar os sonhos de estudantes em desvantagem social, expressos por meio de seus foregrounds, em aulas de matemática, e estabelecer possibilidades para o desenvolvimento desses sonhos.

No presente trabalho realizo um recorte de parte do que tenho desenvolvido durante a pesquisa. Em primeiro lugar, apresento alguns estudos preliminares realizados no campo teórico, sobre os conceitos de inacabamento, ser-mais, transcendência e ideia de infinito, e a relação deles com a formação de sonhos, tendo por base Freire e Lévinas. Num segundo momento destaco alguns aspectos metodológicos, dando ênfase às estratégias utilizadas para a produção de dados. Por fim, apresento alguns dados produzidos, na forma de diálogos, e inicio interpretações para esses excertos com base no referencial teórico utilizado.

ALGUNS CONCEITOS EM FREIRE E LÉVINAS

Para Freire (1983, 1992), a origem de toda busca do homem e mulher, e de toda educação é a ciência de seu inacabamento, de sua inconclusão. O ser se percebe como

alguém que não tem conhecimento de tudo e nem tudo alcança, se percebe como sempre em processo. É um ser enquanto verbo, não enquanto substantivo; é um sendo.

E porque se sabe inacabado, esse ser sonha, se educa. Sonha porque quer ter experiências de liberdade, de humanização, porque para Freire os sonhos têm uma perspectiva política e estão atrelados às experiências históricas que esse ser vive e viveu, ao seu olhar sobre a vida, e às experiências de livre-arbítrio que lhes foi possível viver apesar da violência de seus opressores. Tanto o sonho como a educação são respostas da finitude da infinitude”, ele escreveu (1983, p. 27). A busca do humano é motivada, assim, pelo seu desejo de “ser mais”: de ser além do que se é, de ser mais do que se é. De estar além de si. O homem busca transcendência.

E esse desejo de ser mais não vem num movimento individual, pois é na relação com o outro e com o mundo que ele se percebe inconcluso:

O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não-eu. Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender. Pode distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo. Estas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo. (FREIRE, 1983, p. 30)

O pensamento do filósofo franco-lituano Lévinas, assim como o de Freire, também é entendido como um pensar ético se apoia na ideia de inacabamento do ser. Em verdade, para Lévinas, não é possível compreender o ser baseando-se somente nele; deve-se a isso o fato desse filósofo ser reconhecido como aquele que rompeu com a ontologia² como definidora do ser. Para ele, a formação do que se é (a subjetividade) não depende somente de si, mas também da exterioridade. Há algo para além do que se é que nos influencia, que não está sob o nosso controle e que nunca se esgota. A esse suposto esgotamento do ser Lévinas dá o nome de totalização (LÉVINAS, 1980).

Nesse sentido, Lévinas afirma que não podemos, então, ser indivíduos totalizados, já que a formação da subjetividade do ser não depende só da interioridade, mas também da exterioridade. Existe “um excedente sempre exterior à totalidade, como se a totalidade

² Em poucas palavras, ontologia é o ramo da filosofia que estuda os seres que estão no mundo, e procura compreender a sua natureza e a razão da sua existência. Esse termo vem do grego *ontos*, que significa “ser” ou “ente”, e *logos*, que significa “saber”. Às vezes entendida de forma materialista, outras vezes metafísica, algumas vezes em busca de uma essência objetiva e classificatória, outras vezes subjetiva, é fato que o estudo do ser estava restrito a essa área, e que entende que a sua compreensão parte do estudo do próprio ser, de sua natureza.

objetiva não preenchesse a verdadeira medida do ser” (LÉVINAS, 1980). E o que vem a ser essa exterioridade? Trata-se de um movimento de transcendência do ser, um movimento metafísico que se volta para fora, para um outro modo que ser; que se volta para o outro.

Aqui é possível identificar pontos de contato entre a busca em “ser mais” de Paulo Freire e a metafísica de Lévinas: ambas consideram o ser se voltando para algo que ele não é, para algo que lhe transborde, inato à condição humana. E o que motiva essa metafísica, esse voltar-se para o outro, essa transcendência? Lévinas nos responde dizendo que é a ideia do infinito.

Para o conceito de infinito, Lévinas se apoia no que se chama “esquema formal de Descartes”. Nesse esquema, Descartes revela que nós somente percebemos o finito, só compreendemos o finito, por termos a ideia do infinito dentro de nós (DESCARTES, 1973).

Descartes associa a ideia de infinito à Deus, mas para o filósofo lituano, ela se relaciona à transcendência a outrem. O infinito é assim um ‘estatuto’, presença que excede a esfera do ser. É horizonte. E a ideia de infinito é o termo que exprime essa transcendência em relação à totalidade (LÉVINAS, 1980).

Sintetizando as ideias expressas pelos dois pensadores, o homem é um ser inacabado, inconcluso, e o desejo de transcender, de ‘ser mais’, é inato à própria condição humana. Talvez aí esteja a origem da formação dos sonhos: as visões de futuro, as possibilidades que se formam, os objetivos planejados são nada mais do que transcendência, algo parte do que se constitui ser humano. Tanto em Freire como em Lévinas não existe a possibilidade do ser acabado, ou acabar-se, ou de totalizar-se: o movimento de ser mais e de transcendência faz parte do ser.

O outro modo que ser também se volta nessa mesma direção. O ser que se sabe finito, mas tem dentro de si a ideia de infinito: ele se volta para o outro, para o mundo, em uma ideia de infinito, também inata ao ser. Criar sonhos significaria criar possibilidades dentro desse infinito. Significaria transcender para algo além de nós mesmos.

E como se criam esses sonhos? Que sonhos possuem alguns jovens latino-americanos? A seguir adentro nas estratégias metodológicas que tenho perseguido durante esse trabalho para tentar responder a essas e outras perguntas.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa em andamento tem cunho qualitativo, a partir da revisão bibliográfica e produção de dados em escola pública. Dada a intenção de desenvolver um trabalho sob a perspectiva latino-americana, foram escolhidas duas escolas, uma no Brasil e outra na Colômbia. A escola brasileira é uma escola federal de um município do interior de São Paulo, próximo à região metropolitana, que atende a público majoritariamente vindo de escola pública e de regiões periféricas. A produção de dados foi realizada no mês de agosto desse ano e envolveu estudantes de uma sala de 1º ano do ensino Médio.

Na Colômbia, a produção de dados ocorrerá no mês de setembro do presente ano, em uma escola pública distrital do município de Bogotá, em região montanhosa, distante do grande centro e periférica. Será realizada com turma de 10º ano da escola secundária (ano que mais se aproxima ao que seria o 1º ano do ensino médio brasileiro).

A escolha pela Colômbia se deu pela existência de contatos com pesquisadores nesse país, em especial em Bogotá: são professores que estudam a Educação Matemática Crítica, entendem a importância de pesquisas nessa área, e facilitaram o contato com uma escola da região que atendesse ao nosso objetivo, quais sejam produzir dados em uma escola pública e periférica.

O processo de produção de dados possui como inspiração teórica a pesquisa etnográfica (ANGROSINO, 2009), assim como a observação participante (QUEIROZ, 2007). Entendo ser este o embasamento metodológico mais pertinente à pesquisa pelo caráter cultural e crítico que lhe é peculiar.

Essa produção na escola brasileira se deu em quatro etapas: entrevistas individuais, observação de aulas, grupo de discussão e produção textual. Detalharei um pouco de cada uma dessas etapas nos parágrafos seguintes.

Com a ajuda do professor de matemática, durante a observação de aulas, divulguei a pesquisa na sala de aula, e solicitei voluntários para participar das demais etapas. Busquei ao menos cinco voluntários, mas ao final colaboraram oito estudantes. Eles foram entrevistados individualmente, a partir de um roteiro semiestruturado, que continham perguntas que intencionavam investigar o background e foreground dos estudantes, assim como seus sonhos e perspectivas em relação ao papel da escola na sua vida e das aulas de matemática de forma geral. Estas entrevistas foram gravadas em áudio.

Paralelamente, acompanhei as aulas de matemática dessa mesma turma. A ideia foi adentrar na cultura fomentada durante às aulas de matemática, por meio da observação do conteúdo, do método de ensino, da relação professor-aluno e da observação dos alunos. A ideia foi identificar o papel que a matemática tem (ou não tem) na fomentação de sonhos desses jovens estudantes, e inspirar novas possibilidades. Os registros se deram no diário de campo da pesquisadora.

Em terceiro lugar, foi realizado um grupo de estudos com todos os alunos entrevistados, com o objetivo de refletir coletivamente sobre algumas questões pontuadas pela pesquisadora. Elas se deram em três perspectivas: identificar a presença ou não de crenças limitantes no que se refere ao determinismo do futuro, na perspectivas dos jovens; problematizar o papel da família, escola e amigos no background e foreground dos estudantes; e identificar o papel da escola na fomentação de sonhos, em especial, da disciplina de matemática. Para essa última questão, os alunos tiveram a oportunidade de imaginar novas possibilidades. As discussões foram gravadas em áudio e vídeo.

Por fim, foi solicitada uma produção textual dos estudantes entrevistados, que será entregue por eles até meados de setembro. Essa ação tem por finalidade que os jovens, depois da discussão em grupo, possam dar vazão à novas reflexões que tiveram, e que pensem em novas relações entre a escola, as aulas de matemática, e a sua vida, tanto observando sua trajetória, como olhando para o futuro e produzindo sonhos. A importância desse momento se dá pela possibilidade de os estudantes se expressarem não mais oralmente, mas pela escrita, de forma que a literatura e a arte também possam fornecer ‘asas’ para a manifestação de seus sonhos.

Em setembro as mesmas estratégias serão realizadas com a classe colombiana. Minha expectativa é que, ao fim das quatro etapas realizadas nas duas escolas, haja um amplo conjunto de dados que forneça elementos sobre sonhos e foreground dos estudantes, assim como reflexões individuais e coletivas que indiquem caminhos para as aulas de matemática e a sua relação com a ressignificação de foregrounds e empoderamento. Nossa intenção não é realizar um estudo comparativo entre as duas escolas, mas sim ampliar o escopo de dados produzidos sobre esse tema, observando perspectivas latino-americanas que podem ou não ter pontos em comum. A seguir dou o primeiro passo para observar os dados produzidos na escola brasileira.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Ainda não foi realizada a completa transcrição dos áudios e vídeos que fizeram parte da produção de dados na escola brasileira mas, ainda assim, apresento dois excertos transcritos a partir de entrevistas realizadas. Nosso intuito não é antecipar uma análise definitiva, mas identificar caminhos para uma apreciação possível dentro dos aspectos teóricos que já foram apresentados.

O processo de análise é complexo, já que exige idas e vindas para que novas informações possam ser percebidas e padrões, identificados. Para a interpretação dos dados produzidos, faz-se necessário o cuidado no trabalho e análise que os sentidos nos desvelam. Aguiar & Ozella (2006) apontam que a apreensão dos sentidos não significa apreender uma resposta única, coerente, absolutamente definida, mas expressões das pessoas muitas vezes contraditórias, parciais, que nos apresentam indicadores de suas formas de ser, de processos vividos por elas.

Também Skovsmose (2014a) destaca que o que emerge na pesquisa envolvendo foregrounds não é objetivo nem transparente, mas sim opaco. Estes são objetos produzidos na mente humana, e eles não se revelam como algo objetivo nem mesmo para o próprio indivíduo que o pensa. Durante a ação de desvendá-los, tensões e contradições são reveladas, e devem ser consideradas como elementos importantes na pesquisa.

Por fim, a partir de todo o material produzido já submetido ao processo de transcrição, serão estabelecidas categorias de análise que emergirão à luz das teorias descritas.

Então eis alguns diálogos nas entrevistas! Segue excertos de conversas entre mim e dois estudantes, Vivian e Gustavo. Ele tem 16 anos, vive com os pais e a irmãzinha em um município cerca da escola, menor e rural; seu pai é comerciante, e sua mãe voltou a estudar recentemente. Ele algumas vezes ajuda seu pai no comércio e a cuidar da irmã menor. Vivian tem 16 anos e vive na própria cidade da pesquisa, mas em um bairro bastante afastado e conhecido por ter sido um quilombo no passado. Ela vive com a mãe e o padrasto, que trabalham num restaurante, e mais 4 irmãs mais novas. Ela costuma ajudar a cuidar das irmãs também. Destaco que os nomes dos estudantes são fictícios.

Figura 1: Vivian



Fonte: Dados da pesquisa

Vivian

Daniela: Quem é a Vivian?

Vivian: Hahaha! Pergunta difícil... Ah, olha... esse ano principalmente eu me faço muito essa pergunta. Porque esse ano, eu tô meio que perdida. Tipo, eu não sei exatamente quem eu sou... Eu tenho base de algumas coisas que eu quero, mas não é certeza... Então... é meio difícil, assim, dizer exatamente quem eu sou.

Daniela: E por que você acha que exatamente esse ano você está com dúvidas em relação a isso?

Vivian: Porque... como eu posso explicar. Como eu entrei nessa escola, eu achei que eu não fosse entrar. E daí quando eu entrei, eu fiquei muito feliz e tudo, daí, como eu posso dizer, surgiram várias possibilidades que você pode ter. E aí eu fiquei meio confusa sobre isso...

[...]

Daniela: O que te move? O que te faz seguir em frente, superar as dificuldades?

Vivian: Eu acho que é a minha família. Porque independente do que eu quero, de profissão ou escola, eles tão sempre comigo. Sempre, sempre, sempre. Igual eu querer ser veterinária: minha família sempre me apoiou.

[...]

Daniela: Quais são seus sonhos e porque você tem esses sonhos?

Vivian: Meu sonho, como eu já disse, é ser veterinária, porque eu amo muito animal, muito muito muito...de paixão. E eu vejo como as pessoas maltratam eles. Eu tenho na minha casa dois cachorros, e eles são uns amores, eles, estão sempre com a gente. São da família.[...] Porque pra mim animal é uma coisa muito pura, muito verdadeira, e eu sou muito curiosa... eu amo animal. Se eu não conseguir ser veterinária, eu faria biologia também, porque meio que envolve... ou medicina, na parte de cirurgia [...] eu me interessei muito por anatomia, essas coisas.

Daniela: Que mais sonhos... diversos...

Vivian: Viajar!

Daniela: Ah é, você quer viajar?

Vivian: Pra vários lugares, eu quero conhecer ... não tem um sonho de eu conhecer um lugar só, eu quero conhecer todos os lugares possíveis que eu conseguir.

Daniela: Tipo?

Vivian: Tipo Paris, as praias da Austrália, fazer intercâmbio no Canadá, ir pra Suíça, conhecer o Japão, Europa, Itália... todos os lugares.

Figura 2: Gustavo



Fonte: Dados da pesquisa

Gustavo

Daniela: Gustavo, quem é você?

Gustavo: Bom... é... eu me considero uma pessoa feliz, vamos dizer assim, eu sou uma pessoa sempre alegre, independente do que tá acontecendo. Eu tento não mostrar pras pessoas o que eu tô sentindo naquele momento, tipo, se eu tô passando por alguma coisa em casa, se é tristeza... eu não deixo que isso abale quem está a minha volta porque eu sei que todo mundo tem seu problema e, eu não queria incomodar os outros com o meu só. De vez em quando eu converso com meus amigos e, assim... na escola eu me considero uma pessoa dedicada. Mas, confesso que às vezes eu tenho, claro, como qualquer adolescente, preguiça de fazer alguma lição, algo do tipo. Em casa, a gente sempre foi muito unido, todo mundo lá, só que, às vezes eu me sinto num lugar preso, com muita vontade de morar sozinho, sair daqui da cidade, explorar outras coisas, entendeu, porque a rotina acaba cansando você. Eu nasci aqui (na cidade), me mudei uma vez só (para uma cidade maior), não lembro muito das minhas experiências lá mais, eu sei que eu quero um futuro não aqui na cidade, mas em outro lugar. [...]

Daniela: O que te move? O que move o Gustavo? O que te faz seguir em frente, superar as dificuldades?

Gustavo: Meus sonhos, e eu quero provar que eu sou uma pessoa competente, que eu vou conseguir realizar meus sonhos, independente de tudo, independente se me apontam só meus erros, se não sabem ver coisas boas em mim, se me julgam. Eu sei que eu quero provar que eu sou uma pessoa que pode chegar onde quer, que pode ajudar as pessoas. Isso é o que me move. Minha mãe também é muito minha base nisso, que ela sempre me apoiou pra entrar nessa escola, ela sempre me apóia, me fala... “filho, e daí que você ficou de recuperação, isso não vai mudar, só é uma matéria, você mais conseguir, você é inteligente”. E.. é sempre o que me move também.

[...]

Daniela: Quais são seus sonhos? E por que esses sonhos? Pode contar todos eles.

Gustavo: Eu tenho sonho de me tornar uma pessoa humilde, continuar sendo humilde.

[...]

Daniela: O que mais?

Gustavo: Também, com certeza, eu vou quer ajudar alguém, porque eu sei que a situação tá crítica pra muitos hoje em dia e, se eu conseguir ser bem sucedido, eu sei que vou querer investir meu dinheiro em caridade, em orfanato, pras pessoas de rua, pros senhores abandonados, e sei que eu vou querer fazer alguma coisa que eu me sintam bem, por estar ajudando. Inclusive (nem cresci e já tô falando de filhos rs), além dos meus filhos eu quero adotar uma criança também. Quero fazer valer a pena meu tempo aqui no mundo então, fazendo coisas que eu sei que eu vou me sentir bem. Também outro sonho que eu tenho é viajar, bastante. Eu amo viajar! Pra vários lugares, conhecer gente nova, conhecer lugares novos. Eu amo viajar. Eu acho que eu sou uma pessoa caseira mais ao mesmo tempo não. Eu gosto do conforto do lar mas gosto de sair bastante, não gosto de ficar preso na mesma rotina.

[...]

Gustavo: Ah, eu tenho o sonho de não ficar só em uma profissão, tipo, expandir meu conhecimento. Ter minha profissão, mas... tipo, nutricionista, ou alguma coisa de medicina, tirando isso, eu quero, nas horas vagas tem tempo pra fazer dança, ou teatro. Eu também tenho o sonho de ser ator.

UMA PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Tanto na fala da Vivian, como do Gustavo, é possível observar um ser humano em processo, que se vê inacabado e tem desejo de “ser-mais”. Quando Vivian fala “não sei exatamente quem sou” e relata que, quando entrou na nova escola, “surgiram várias possibilidades que você pode ter”, e que “algumas coisas eu quero, mas não é certeza”, isso revela esse estado de inconclusão e novos horizontes de futuro se formando... novas possibilidades de sonho. Já Gustavo tem mais claro pra si quem ele é, mas coloca o presente em cheque e indica uma abertura para novos movimentos, quando fala “Em casa, a gente sempre foi muito unido, todo mundo lá, só que, às vezes eu me sinto num lugar preso, com

muita vontade de morar sozinho, sair daqui da cidade, explorar outras coisas, entendeu, porque a rotina acaba cansando você”. Ambos revelam um movimento de abertura a exterioridade, que se opõe a totalização.

Esse movimento de abertura, de transcendência para o infinito, leva a caminhos distintos quando se comparam os dois entrevistados. Vivian, por exemplo, tem muito claro para si que quer ser veterinária. Esse sonho já está mais pavimentado. Mas ela não nega abertura para outras possibilidades: “Se eu não conseguir ser veterinária, eu faria biologia também, porque meio que envolve... ou medicina, na parte de cirurgia [...] eu me interessou muito por anatomia, essas coisas”. Já Gustavo declara primeiramente um sonho no âmbito comportamental, o de ser uma pessoa humilde. Em seguida, ele revela a gama de possibilidades profissionais que podem esperar por ele: “eu tenho o sonho de não ficar só em uma profissão, tipo, expandir meu conhecimento. Ter minha profissão, mas... tipo, nutricionista, ou alguma coisa de medicina, tirando isso, eu quero, nas horas vagas tem tempo pra fazer dança, ou teatro. Eu também tenho o sonho de ser ator”.

Ainda com relação aos sonhos, ambos revelaram um grande desejo de viajar e conhecer o mundo. Percebo também aí uma forte relação com a ideia de infinito dentro de cada um deles, afinal: há maior infinito do que estar aberto a conhecer qualquer lugar do planeta? E uma possível relação com o background pode ser estabelecido nesse ponto: ambos vivem em uma pequena cidade do interior, rural, e poucas experiências tiveram até hoje de conhecer lugares muito distantes de suas próprias casas.

Por fim, importante também destacar que, como parte dos sonhos dos dois jovens, está algo para além de si, são sonhos voltados para o outro, para com a responsabilidade com o outro. Tal como Freire e Lévinas escrevem, Gustavo e Vivian se voltam para um movimento ético nesse projetar-se para o futuro. Gustavo deixa bem claro que objetiva, entre seus sonhos, “querer ajudar alguém, porque eu sei que a situação tá crítica pra muitos hoje em dia”, Ele destacou também sonhar em adotar uma criança, para “fazer valer a pena meu tempo aqui no mundo”. Já Vivian tem o seu sonho de ser veterinária inspirado por ela amar muito os animais: eu amo muito, “de paixão. E eu vejo como as pessoas maltratam eles”. Essas últimas reflexões nos fazem pensar em como o movimento de transcendência ético, proposto por Freire e Lévinas, pode estar relacionado a conceitos envolvendo justiça social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq pelo apoio financeiro e ao grupo de pesquisa Épura por todas as discussões até aqui.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W.M.J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. In: **Psicologia Ciência e Profissão**, v 26, n.2, p. 222-245, 2006.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BIOTO FILHO, D. **Quem Não Sonhou em Ser um Jogador de Futebol?** Trabalho com projetos para reelaborar foregrounds. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2015.
- DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-meditacoes-metafisicas-rene-descartes-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online>> Acesso em: 16 ago. 2019.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Editora Paz e terra: Rio de Janeiro, 1983.
- FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1986.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1992.
- LÉVINAS, E. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- QUEIROZ, D. T.; VALL, J.; SOUZA A.M.A. E VIEIRA, N.F.C. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. In: **Revista de Enfermagem**, Uerj, 15, 2, 276-283, 2007.
- SKOVSMOSE, O. **Towards a philosophy of critical mathematics education**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1994.
- SKOVSMOSE, O. **Foregrounds**: Opaque stories about learning. Rotterdam: Sense Publishers, 2014a.
- SKOVSMOSE, O. **Critique as uncertainty**. Charlotte, North Carolina, USA: Information Age Publishing, 2014b.
- SKOVSMOSE, O. Students’ foregrounds: Hope, despair, uncertainty. In: **Pythagoras** – Journal of the Association for Mathematics Education of South Africa, v. 33, n.2, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4102/pythagoras.v33i2.162>>. Acesso em: 25 de jun. 2017.
- SKOVSMOSE, O. Meaning in Mathematics Education: a Political Issue. In: **REVEMAT**. Florianópolis (SC), v.11, Ed. Filosofia da Educação Matemática, p. 36-46, 2016.